

# SOCORRO, O MÉDICO SUMIU

Ana Helena Paixão  
Da equipe do **Correio**

O drama do serralheiro João Evangelista Boeira de Melo, 33 anos, começou na sexta-feira da semana passada — um pedaço de ferro voou da lixadeira que manuseava e caiu dentro de seu olho. Quando a irritação se transformou em dor aguda, João procurou atendimento no pronto-socorro do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF). Era tarde de domingo, e o problema não pôde ser resolvido.

“Cheguei aqui, e o médico fez uma microcirurgia. Tirou a fagulha e colocou um tampão no meu olho, que ficou com um buraco”, resumiu. Ele contou que o oftalmologista explicou bem a gravidade de seu caso. “Disse que não poderia ficar sem atendimento. Deveria voltar no dia seguinte (ontem) para ver como estava o olho”, acrescentou João.

E assim ele fez. Saiu de Luziânia (GO) às 6h de ontem. Às 7h15, era o quinto paciente na fila de atendimento. “São 16h30, e nada de médico”, destacou. “É um absurdo. A médica começou a atender às 10h. Meia hora depois, sumiu. Até agora,

nenhum outro apareceu para nos consultar”, reclamou Dalila Aparecida Peixoto, 29 anos, a terceira da fila.

Cansada e com o olho “vermelho e irritado” há 15 dias, ela saiu da casa da mãe (no setor P Sul, Ceilândia) às 5h30. Chegou ao HBDF às 6h30. “São quase 17h. Só duas pessoas foram atendidas. Suspendiram o atendimento logo na minha vez”, revoltou-se.

Ao todo, 68 pessoas fizeram fichas para serem atendidas na emergência oftalmológica do HBDF. Alguns desistiram, mas aproximadamente 50 pessoas mantiveram-se no hospital durante todo o dia de ontem. A insistência se explica por uma triste realidade local: o Hospital de Base é a única instituição pública do Distrito Federal com serviço de emergência em oftalmologia.

Ontem, dois médicos deviam atender os pacientes da emergência. Um ficou doente e não foi trabalhar. O outro começou a atender no pronto-socorro, mas foi deslocado para a cirurgia. “Aconteceram dois acidentes graves. Se as pessoas não fossem operadas, poderiam perder a visão. Por isso, o atendimento na emergência foi suspenso”, explicou Luciano Gonçalves Souza Carvalho, di-

Nehil Hamilton



*João Melo madrugou para tratar do olho ferido e ficou preocupado por não ter sido atendido até o fim da tarde*

retor-geral do Hospital de Base.

Segundo ele, a direção teve dificuldades em encontrar médicos substitutos. “Mas conseguimos resolver.

Dois médicos estão vindo para cá, e dentro de meia hora, no máximo, o atendimento volta ao normal”, garantiu Carvalho às 16h30. Apesar dis-

so, às 17h, o serviço ainda não havia sido normalizado.

A falta de oftalmologistas no Hospital de Base reflete a deficiência de

profissionais na própria Fundação Hospitalar do Distrito Federal (FHDF). Benedito Antônio de Sousa, coordenador de Oftalmologia da Fundação, explica que existem apenas 42 profissionais que trabalham nessa especialidade em toda a rede pública do Distrito Federal.

“Nosso quadro é de 60, mas só temos 42 oftalmologistas em toda a Fundação. São 18 profissionais a menos e eles fazem falta”, comentou o coordenador. Benedito de Sousa acrescentou que, além de atuarem no HBDF, esses médicos trabalham nos hospitais regionais de Taguatinga, Ceilândia, Gama, Sobradinho, Hospital Materno Infantil (Hmib) e Hospital Regional da Asa Norte (Hran). “Mas são muito poucos. Não dá para manter um esquema de trabalho 24 horas em mais hospitais”, ressalta.

Para Benedito Antônio de Sousa, a Fundação Hospitalar está de mãos atadas. “Não houve concurso nesses últimos quatro anos. Muitos profissionais se aposentaram. Só nesse período, perdemos de seis a oito oftalmologistas, e não pudemos fazer a substituição deles”, concluiu, sem esconder a preocupação com a carência de médicos nos hospitais locais.